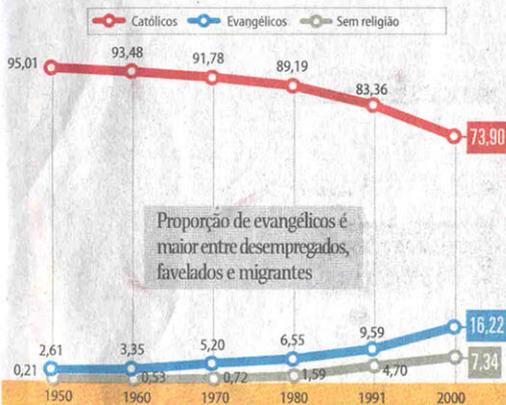


RELIGIÃO Pesquisa da FGV mostra que proporção de evangélicos é maior entre desempregados, moradores de favelas e migrantes

Igreja Evangélica atrai fiéis excluídos no país

A RELIGIÃO NO PAÍS

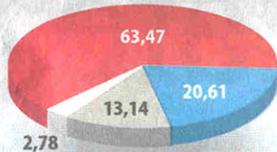
Evolução de católicos, evangélicos e sem religião no país



Proporção de evangélicos é maior entre desempregados, favelados e migrantes

Moradores de favelas*, em %

- Católicos
- Evangélicos
- Sem religião
- Outras



De acordo com a ocupação, em %

	Católicos	Evangélicos	Sem religião
Desempregado	70,1	16,52	9,70
Inativo (aposentados, donas-de-casa, estudantes etc)	74,44	16,08	6,11
Empregado com carteira	74,19	14,42	7,46
Empregado sem carteira	74,19	14,38	8,54
Conta própria	74,50	14,46	7,35
Empregador	76,38	11,26	5,88
Trabalhador para o próprio consumo (agricultura de subsistência)	87,40	7,74	4,17

Entre migrantes, em %

	Católicos	Evangélicos	Sem religião
Migrantes há menos de um ano	68,71	19,17	8,32
Migrantes há mais de dez anos	70,48	18,58	6,80
Não-migrantes	74,57	14,82	7,37

*Inclui cortiços e assembléias

Fonte: FGV, com dados do Censo do IBGE

PEDRO SOARES

DA SUCURSAL DO RIO

As igrejas evangélicas brasileiras arrebanharam mais fiéis nos últimos anos nos grupos mais desprotegidos da população. É o que mostra o estudo "Retrato das Religiões do Brasil", divulgado ontem pela FGV. Dados do Censo 2000 revelam que a presença evangélica é maior do que a média (16,22%) em favelas (20,61%), periferias de regiões metropolitanas (20,72%), entre pessoas com até um ano de estudo (15,07%), desempregados (16,52%) e migrantes recentes (19,17%).

Por outro lado, os católicos são mais numerosos entre os empregados —76,38%— e os mais escolarizados —74%, contra 10,3% dos evangélicos. No Brasil, os católicos representam 73,89% da população —eram 91,78% em 1970 e 83,36% em 1991.

Para Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas), a estagnação econômica da chamada "década perdida" (anos 80) possibilitou a expansão dos evangélicos. "[A igreja] é vista como uma forma de ascensão social. As igrejas emergentes cumprem um papel fundamental como rede de proteção social, num momento de desconforto econômico. Elas substituíram em parte o Estado, pois oferecem serviços sociais e cobram impostos, os dizimos."

Em média, os evangélicos correspondiam a 16,22% da população (dados do Censo de 2000) —eram 9,59% em 1991 e 6,55% em 1980. No período, avançou também o percentual de pessoas que se declararam sem religião —para 7,34% em 2000.

Diferentemente do retrato traçado pelo sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) em seu clássico "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", as religiões ditas hoje como evangélicas não

se desenvolveram no Brasil entre os mais ricos e mais estudados, diz Neri. "A tese da 'Ética Protestante' não se confirma no Brasil."

Weber sustentava que o capitalismo pôde avançar graças à evolução das religiões protestantes, que não culpavam seus seguidores por acumular capital e ter progresso material.

Comparando populações com exatamente as mesmas características socioeconômicas e raciais, a renda dos católicos é 7% maior do que a dos evangélicos e 10% mais alta do que a dos sem-religião.

Para Neri, o declínio relativo da religião católica no Brasil se explica por "uma certa inércia" na mudança de seus costumes e regras, ao mesmo tempo em que "o contexto econômico e social no Brasil mudou muito". "A Igreja Católica não acompanhou a necessidade de mulheres e desempregados, por exemplo, que foram buscar abrigo em religiões alternativas."

Evangélicos e periferia

A pesquisa traçou ainda um perfil regional das religiões: há mais católicos no meio rural e pequenas cidades, enquanto os evangélicos se concentram nas periferias das grandes cidades.

Neri disse que tal fenômeno ocorre porque a crise social e econômica foi muito mais grave nas grandes metrópoles. "O crescimento dos evangélicos é um fenômeno de periferia", afirmou.

Em áreas rurais, os católicos eram 84,26%. Nas periferias das regiões metropolitanas, 65,18%. Já os evangélicos representavam 20,72% dos moradores de periferias metropolitanas.

Os dados mostram ainda que o Estado com o maior contingente de pessoas sem religião do Brasil é o Rio —15,76%. Também é o com menos católicos proporcionalmente (56,19%). Em São Paulo, os católicos eram 70,53%, contra 17,04% de evangélicos.

A RELIGIÃO NOS ESTADOS

Piauí é o Estado mais católico e Rio tem mais brasileiros sem religião

Estados com o maior número proporcional de católicos, em %

Piauí	90,03
Ceará	86,70
Paraíba	84,94
Rio Grande do Norte	83,77
Maranhão	82,60

Estados com o menor número proporcional de católicos, em %

Rio de Janeiro	56,19
Rondônia	57,61
Espírito Santo	63,23
Distrito Federal	66,62
Roraima	66,78

Em São Paulo, os católicos são 70,53% da população

Estados com o maior número proporcional de evangélicos, em %

Rondônia	27,19
Espírito Santo	24,96
Roraima	22,49
Rio de Janeiro	21,98
Amazonas	21,07

Estados com o menor número proporcional de evangélicos, em %

Piauí	6,01
Sergipe	7,27
Ceará	8,25
Paraíba	8,80
Rio Grande do Norte	8,92

Em São Paulo, os evangélicos são 17,04% da população

Estados com o maior número proporcional de sem-religião, em %

Rio de Janeiro	15,76
Rondônia	12,70
Bahia	11,39
Alagoas	9,80
Acre	9,70

Estados com o menor número proporcional de sem-religião, em %

Santa Catarina	1,97
Piauí	3,05
Ceará	3,77
Paraná	4,25
Tocantins	4,51

Em São Paulo, os sem-religião são 7,28% da população

Fonte: FGV, a partir de microdados do Censo 2000, do IBGE